

SABERES E EXPERIÊNCIAS PARA ALÉM DO ESPAÇO ESCOLAR: REFLEXÕES CONCEITUAIS SOBRE EDUCAÇÃO

Caroline Martinho da Silva¹

Eugênia da Silva Pereira²

RESUMO: O objetivo deste texto é discutir sobre as concepções de educação, de modo a refletir sobre os sujeitos, contextos, saberes e experiências que constituem diferentes práticas educativas. Apresentamos um recorte de um dos capítulos do Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia intitulado “Contribuições formativas dos espaços não escolares na trajetória do estudante universitário: um estudo no curso de Pedagogia da UNEB *Campus XII*”. O estudo partiu de uma abordagem de pesquisa qualitativa e neste recorte focalizamos o levantamento bibliográfico e discussão dos referenciais que embasaram a pesquisa, a partir da busca de publicações, sobretudo livros de autores/as que discutem sobre as concepções de educação, com ênfase nas discussões sobre Educação formal, não formal, informal e escolar e não escolar. Algumas questões orientaram o debate: É possível pensar em uma única concepção de educação? Quais contextos é possível promover educação? Quem são os sujeitos educadores e educandos? Quais contribuições os espaços não escolares oferecem aos sujeitos? Concluímos que não se pode falar em uma única concepção de educação. Os sujeitos educadores e educandos estão em contextos diversos, desde a casa/família, a rua, ao grupo de amigos, a escola, bem como em espaços como associação, sindicato, igreja, entre outras experiências educativas.

Palavras-chave: Educação. Educação não formal. Espaços não escolares.

INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo discutir sobre as concepções de educação, de modo a refletir sobre os sujeitos, contextos, saberes e experiências que constituem diferentes práticas educativas. Apresentamos um recorte de um dos capítulos do Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia intitulado “Contribuições formativas dos espaços não escolares na trajetória do estudante universitário: um estudo no curso de Pedagogia da UNEB *Campus XII*”.

Compreendemos que estudar os espaços não escolares no contexto do curso de Pedagogia exige refletir sobre as concepções de educação que orientam as diversas práticas

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus XII. E-mail:

² Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XII. Mestra em Educação do Campo (UFRB). E-mail: eniagbi@hotmail.com

educativas em contextos específicos. Por isso, algumas questões foram apresentadas para esse debate: É possível pensar em uma única concepção de educação? Quais contextos é possível promover educação? Quem são os sujeitos educadores e educandos? Quais contribuições os espaços não escolares oferecem aos sujeitos?

Assim, para realização do trabalho baseamos na abordagem da pesquisa qualitativa com uso de entrevistas com estudantes do curso de Pedagogia. Todavia, como o recorte deste texto não inclui as narrativas dos/as participantes do estudo, focalizamos aqui somente no levantamento bibliográfico e discussão dos referenciais que embasaram a pesquisa. Portanto, o caminho metodológico priorizou a busca de publicações, sobretudo livros de autores/as que discutem sobre as concepções de educação, com ênfase nas discussões sobre Educação formal, não formal, informal e escolar e não escolar.

Desse modo, o presente texto está organizado com as palavras introdutórias que apresentamos o objetivo proposto e a metodologia utilizada. Na Sequência, discutimos sobre a concepção de educação e as definições utilizadas no contexto escolar e não escolar, bem como nas demais práticas sociais, como na família. Por fim, as considerações finais sinalizam as reflexões construídas.

ALÉM DOS MUROS ESCOLARES: SUJEITOS, CONTEXTOS E CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO

Nos dias atuais pensar a educação como uma prática exclusiva da escola é abandonar as práticas educativas que tanto a família, quanto outras instituições sociais desenvolvem. A educação ou a prática educativa faz parte de qualquer sociedade e, é esta prática que traçará os caminhos percorridos pelos sujeitos envolvidos no processo de formação contínuo que permeiam as construções histórias de um povo. Segundo Libâneo (1994, p. 16-17),

A educação – ou seja, a prática educativa – é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades. A prática educativa não é apenas uma exigência da vida em sociedade, mas também o processo de prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e transformá-los em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade.



Diante do exposto acima, a educação configura-se como uma prática necessária a existência de todas as sociedades. É por meio da prática educativa que as sociedades irão fornecer aos sujeitos, os conhecimentos e experiências que os capacitarão para a transformação social em função das suas necessidades econômicas, políticas e sociais da coletividade.

Sabemos que a educação é um processo global e que envolve várias atividades e espaços diferentes, a educação é movimento, é processo, e, por isso, em todo tempo estamos em processo de aprendizagem, quer seja na escola quer seja fora dela. Compreender esse movimento demanda tempo e nos proporciona momentos de intensa reflexão sobre as aprendizagens que são construídas e desconstruídas nesse movimento que chamamos de educação. Segundo Trilla (2008 p. 18),

Mesmos nas sociedades mais escolarizadas, a escola é sempre apenas um momento do processo educacional global dos indivíduos e das coletividades. Com a escola coexistem muitos e variados mecanismos educacionais. Compreender esse processo, portanto, implica entender a interação dinâmica entre todos os fatores educacionais que atuam sobre os indivíduos.

Conforme o pensamento de Trilla compreendemos então que, quando nascemos e até o fim das nossas vidas sempre estaremos envolvidos em algum processo educacional, e estes processos nem sempre estarão vinculados à escola. Da família ao grupo de amigos, em todo tempo, desde que haja interação de pessoas e troca de experiências, estaremos vivenciando esse movimento que denominamos de educação.

Pensar o conceito de educação leva-nos a pensar também o conceito de sociedade e a formação dos sujeitos. A educação torna-se assim um processo social importante para a formação de qualquer sociedade e, respectivamente, dos seus integrantes, é a educação que vai ajudar a construir as práticas culturais que farão parte do conjunto de saberes, valores e costumes que delinearão a trajetória histórica de um povo.

São vários os conceitos sobre educação, assim como também são vários os locais em que esta pode acontecer. Pensar a educação como uma prática exclusiva da escola faz com que o ser humano seja um ser limitado e sem a devida capacidade de aprender e apreender os conhecimentos que podem ser adquiridos em diversos outros espaços.

A educação não pertence somente ao ambiente escolar, mas acontece muito cedo em nossas vidas a começar pela família e conforme nos inserimos socialmente em vários outros lugares. Brandão (2007, p.9) afirma que:



Não há uma única forma de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática e o professor profissional não é seu único praticante. Da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender; primeiro, sem classes de alunos, sem livros e sem professores especialistas; mais adiante com escolas, salas, professores e métodos pedagógicos.

Desse modo, a educação pode se caracterizar de várias maneiras e pode também acontecer em outros espaços que não seja o da escola. Para além das salas de aula são incontáveis os espaços em que a educação acontece, quer seja de um modo mais espontâneo, quer seja de uma maneira mais organizada. “Num sentido amplo a educação compreende os processos formativos que acontecem no meio social [...] e num sentido restrito, a educação ocorre em instituições específicas escolares ou não” (LIBÂNEO, 1994, p. 17).

Quando afirmamos que em todos os espaços a educação se faz na construção da vida dos seus sujeitos, destacamos a importância desse processo informal de educação que faz parte das primeiras vivências do homem e da mulher ao se inserirem no meio social. A família configura-se como um local de importância significativa no processo educativo, é por meio dela que os sujeitos sociais constroem suas primeiras práticas educativas que fazem referência ao conjunto dos aprendizados dos costumes e valores que permeiam o seio familiar.

Libâneo (2005, p. 87) ao falar sobre a educação informal afirma,

Elas atuam efetivamente na formação da personalidade, porém, de modo disperso, difuso, com caráter informal, não se constituindo em atos conscientemente intencionais. Isso não significa, absolutamente, que sejam negados seus efeitos educativos. Mesmo porque é muito em virtude desses fatores e influências não-intencionais que se dá o processo de socialização.

Neste sentido, compreendemos que as instituições sociais consideradas informais são também as responsáveis por iniciar o processo de socialização, e garantir aos sujeitos saberes e valores que lhes ajudaram a inserirem-se nos mais diversos espaços da sociedade.

Diante disso, entender que a educação é o meio pelo qual as sociedades se constituem, significa refletir sobre os processos formativos promovidos pela educação em seus mais variados espaços. Torna-se imprescindível compreender se esta educação é usada como mecanismo de emancipação social e política, ou se ela é um instrumento de alienação a favor das ideologias dominadoras.

Conforme se desenvolve os seres humanos vão vivenciando outros espaços que compõem as práticas educativas que permeiam o meio social, é neste momento que a educação escolar ocupa um lugar importante nos processos formativos de todos os sujeitos. É na escola que homens e mulheres se apropriam dos conhecimentos necessários para continuarem e se constituírem historicamente e também se tornarem sujeitos que ajudem na construção da sociedade.

A educação formal é, portanto, segundo Libâneo (2005, p. 88), “aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente, sistemática”. É o local onde as práticas educativas seguem um currículo estabelecido para promover o conhecimento escolarizado, conhecimento este necessário à vida de qualquer pessoa.

Cabe a escola a tarefa de propiciar aos seres humanos os saberes necessários para que estes possam se tornarem sujeitos críticos, e que possam contribuir para a construção de uma sociedade em que todos possam ter seus direitos garantidos. Para além dos conteúdos curriculares é dever da escola garantir uma formação integral dos sujeitos sociais e capacitá-los para a vida em comunidade. Para Gadotti (2002, p.15),

A educação formal é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz curricular centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores do Ministério da Educação.

A educação que acontece nas escolas, segundo o autor, precisa ter um currículo pré-estabelecido e possui órgãos fiscalizadores. Essa educação tem como objeto formar seres humanos capazes de se emanciparem desde o processo de decodificação das letras e números até a leitura crítica do mundo. É importante salientar que esta é de fato uma função precípua da escola, mas isso não significa dizer que a capacidade de ler “as letras” seja suficiente para que os seres humanos vivam em sociedade. Para além da decodificação de letras e números deve a escolar formar para o mundo da vida. Homens e mulheres precisam, com a ajuda da escola, poder compreender as relações de poder e opressão existentes na sociedade de classes e buscarem os meios para transformá-la.

Outro conceito de educação que é amplamente discutido refere-se ao campo da educação não formal, aquela que, segundo Gohn (2009), se desenvolve fora dos muros da escola, nas

mais diversas atividades e que tem como objetivo a formação do cidadão para um fim determinado.

A educação não formal está diretamente ligada a outras dimensões da realidade social que também são produtoras do saber. Entendemos a educação não formal como aquela voltada para o ser humano como um todo, cidadão do mundo, numa perspectiva de emancipação social. A educação não formal torna-se possível quando compreendemos que a educação deve ser considerada pelos seus aspectos sociais de aprendizagem experiencial e pelos seus processos formativos de socialização.

Este tipo de educação é aquela que acontece fora da escola e que tem como prioridade desenvolver nos seus sujeitos uma formação cidadã, busca formar para a cidadania e coletividade e tem como princípio colaborar para que seus participantes possam refletir sobre a sociedade em que vivem. Gohn (2010 p.18) afirma que, “ela capacita os indivíduos a se tornarem cidadão do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais”.

Diante disso, a educação não formal defendida por Gohn tem como objetivo proporcionar aos homens e mulheres conhecimentos que possam contribuir com os modos de vida necessários à sociedade a qual pertencem. Nestes espaços, a educação deve promover o conhecimento das atitudes sociais necessárias para garantir uma vida social que preze pelas construções coletivas em oposição ao individualismo.

Gohn (2010, p. 16), ainda diz “que a educação não formal é aquela que se aprende ‘no mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços coletivos cotidianos”. Nessa perspectiva, podemos perceber que este tipo de educação pode acontecer nos mais variados espaços e que as aprendizagens por ela proporcionada baseia-se no compartilhamento de vivências e experiências dos sujeitos.

É uma educação que visa a formação do indivíduo levando em consideração a vida e as vivências de cada um dos sujeitos que dela fazem parte. Trilla (2008, p.29) afirma que a educação:

é um fenômeno complexo, multiforme, heterogêneo, permanente e quase onipresente. Há educação, é claro, na escola e na família, mas também ela se verifica nas bibliotecas e nos museus, num processo de educação a distância e numa brinquedoteca. Na rua, no cinema, vendo televisão e navegando na internet, nas reuniões, nos jogos e brinquedos (mesmo que eles não sejam dos chamados educativos ou didáticos) etc. ocorrem, igualmente processos de educação.



Diante disso, compreendemos então que a educação não formal pode contribuir com a formação dos seres humanos e também da sociedade de uma maneira geral. Este tipo de educação de maneira nenhuma pode ser considerado uma prática informal, já que é uma atividade educacional planejada, sistemática e organizada que acontece em locais diferentes ao da escola.

Gadotti (2005, p.22) afirma que “a educação não formal é mais difusa, menos hierarquizada e menos burocrática. [...] não precisam seguir um sistema sequencial e hierárquico de progressão”. Compreendemos assim que os meios e os fins deste tipo de educação são diferentes dos da educação escolarizada, e isto vai depender dos objetivos que se pretendem alcançar nos espaços onde esta aconteça.

A educação não formal torna-se possível quando compreendemos que a educação deve ser considerada pelos seus aspectos sociais de aprendizagem experiencial e pelos seus processos formativos de socialização. Esta pode ser vista como uma extensão da educação escolar que acontece em espaços diferenciados, de uma maneira mais flexível e também com objetivos diferentes. Gohn (2005, p. 97-98) afirma que devemos considerar o conceito amplo que a educação tem associado ao conceito de cultura.

Isso significa que a educação é abordada enquanto forma de ensino/aprendizagem adquirida ao longo da vida dos cidadãos; pela leitura, interpretação e assimilação dos fatos, eventos e acontecimentos que os indivíduos fazem, de forma isolada ou em contato com grupos e organizações.

Ao associarmos a educação não formal aos vários conceitos da palavra cultura, percebemos o papel importante que ela tem em qualquer sociedade. Genericamente podemos chamar de cultura todo o conjunto de conhecimentos, crenças, costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo homem não somente em família, como também no contato com as várias outras instituições existentes na sociedade.

Edward Tylor *apud* Larraia, afirma que cultura é “todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. (LARRAIA, 2009, p. 25). A palavra cultura abrange várias formas e pode definir tudo aquilo que é produzido pelos seres humanos. Ela está presente desde os povos mais primitivos em seus costumes, sistemas, leis, religião, em suas artes, ciências,

crenças, mitos, valores morais e em tudo o que está diretamente relacionado com o sentir, o pensar e o agir das pessoas.

Além de se fazer perpetuar práticas que orientam a vida das pessoas, a educação não formal permite aos sujeitos repensar o modo como vivem e encontrar maneiras de modificar a comunidade onde moram.

A educação não formal e seu espaço se caracterizam por oferecer uma educação para além dos espaços escolares e que tem como foco principal uma formação cidadã. A educação destes espaços tem objetivos comuns aos da educação formal e metas já determinadas a depender da instituição que a oferece. Desse modo, concordamos com Brandão (2007, p. 11), quando faz a seguinte afirmação sobre a educação seja, qual for seu espaço:

ela ajuda a pensar tipos de homens. Mais que isso, ela ajuda a cria-los, através de passar uns para os outros o saber que os constitui e legitima. Mas ainda, a educação participa do processo de produção de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedade. É esta a sua força.

Diante disso, percebemos o papel que a educação, tanto formal quanto não formal, exerce sobre os sujeitos. É ela que vai indicar o caminho a ser seguido pelas pessoas de uma comunidade e delinear o tipo de sociedade que será formada. A educação formal e a não formal estabelecem uma via de mão dupla que proporcionará aos seres humanos uma formação mais ampla e que permitirá uma vida social mais colaborativa na construção de suas comunidades.

Outro aspecto importante a ser considerado ao se pensar em conceituar o campo da educação, são os vínculos construídos em sociedade por meio do trabalho. As relações estabelecidas entre o trabalho e a educação são princípios fundamentais para se compreender em que medida estes conceitos se complementam e ajudam a construir sociedades.

Segundo Saviani (1995, p. 15), “a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos. Assim sendo, a compreensão da natureza da educação passa pela compreensão da natureza humana”. Dentro desta perspectiva, entendemos que a educação é algo particular ao ser humano e que compreende-la significa perceber os processos que levam os homens e mulheres a se constituírem como seres sociais e históricos.

Para se constituir historicamente o ser humano necessita produzir sua existência, precisa, portanto, se apropriar da natureza e adaptá-la às suas necessidades. Esse fazer-se

humano realiza-se quando os sujeitos buscam meios para produzir sua existência e isso só é possível através do trabalho. Saviani (1995, p. 15) afirma que:

Para tanto, em lugar de se adaptar à natureza, ele tem que adaptar a natureza a si, isto é, transformá-la. E isto é feito pelo trabalho. Portanto, o que diferencia o homem dos outros animais é o trabalho. E o trabalho se instaura a partir do momento em que seu agente antecipa mentalmente a finalidade da ação. Consequentemente, o trabalho não é qualquer tipo de atividade, mas uma ação adequada a finalidades. É, pois, uma ação intencional.

Diante disso, o trabalho é o meio encontrado pelo ser humano para se constituir socialmente em toda a sua história. Não se trata, pois, de qualquer atividade, mas de algo carregado de intencionalidade que foi antes pensado para atingir determinado fim. É no processo do trabalho que o homem se constrói historicamente e em sociedade.

Entendendo que é por meio do trabalho que o ser humano irá constituir-se e que a educação é algo específico à natureza humana, significa compreender que além de ser uma requisição para o trabalho ela é também um processo de trabalho (SAVIANI, 1995). Neste contexto, o homem usa a educação para produzir com o trabalho os bens necessários à sua existência e, ao mesmo tempo, faz da educação um processo de trabalho.

Como categoria de trabalho, a educação para Saviani configura-se como um trabalho não material. Este tipo de trabalho relaciona-se com a produção do saber, e isso significa que todo saber produzido, ao longo da história, pelo ser humano só foi possível por meio da educação. E na medida em que isso ocorre, os homens e as mulheres vão se produzindo historicamente e por consequência seu meio social se forma, levando-se em consideração as relações estabelecidas entre o trabalho e o próprio ser humano.

Ao compreendermos que a prática educativa, independente dos espaços onde esta aconteça, precisa ser um instrumento emancipador do sujeito, entendemos que a proposta de educação defendida por Saviani configura-se como elementar nos dias atuais. Cabe a escola e aos espaços não escolares construir, com os sujeitos, uma consciência política emancipadora, não basta apenas formar para a cidadania.

É relevante que homem e mulher compreendam que são eles os responsáveis por criticar a sociedade em que vivem e busquem os caminhos necessários para romperem com as desigualdades sociais impostas pelo modelo econômico vigente. Cabe a todos os espaços onde

a educação ocorre, colaborar para que os seres humanos se constituam como sujeitos livres, emancipados.

Diante do exposto, percebe-se que toda forma de educação deve prezar por construir saberes capazes de preparar os seres humanos para compreender os processos sociais do seu tempo histórico. E, compreendendo esses processos sociais encontrar meios para transformar sua realidade.

No momento em que homens e mulheres, por meio da educação, refletirem as relações de poder existente na sociedade serão capazes de contribuir e lutar por direitos iguais, superar as relações de oprimido e opressor e construir uma sociedade que garanta a todos os seres humanos uma vida digna e com seus direitos respeitados.

Desse modo, compreendemos que a educação, como afirma Saviani (1995), precisa ser um instrumento de luta para romper com as barreiras impostas ao oprimido pelo opressor. Toda e qualquer forma de educação deve levar os seres humanos a refletirem seus contextos sociais e encontrar os caminhos necessários para a emancipação.

A educação sempre estará a serviço de quem tiver maior poder, desse modo, poderá ser usada como um mecanismo de alienação de um povo. As propostas de educação formal e não formal, muitas vezes, são limitadas e até alienadoras, visto que prezam apenas pela instrução do saber ler e escrever e a formação para a cidadania.

Neste sentido, na sociedade de classe em que vivemos não basta somente saber ler e escrever. A educação precisa fazer com que os seres humanos sejam capazes de problematizar o meio em que vivem e encontrar caminhos que os levem a construção de uma sociedade em que todos tenham seus direitos elementares garantidos. “Para a educação problematizadora, enquanto um quefazer humanista e libertador, o importante está em que os homens submetidos à dominação lutem por sua emancipação”. (FREIRE, 2014, p.105). Desse modo, faz-se necessário que homens e mulheres busquem os meios de transformarem a realidade social em que vivem e isso só será possível por meio da educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões do presente trabalho nos leva a conclusão de que não se pode falar em uma única concepção de educação. Os sujeitos educadores e educandos estão em contextos e práticas diversos, desde a casa/família, a rua, ao grupo de amigos, na escola, bem como em espaços como associação, sindicato, igreja, entre outras experiências educativas.

Entendemos que as questões que introduziram este texto foram essenciais para o debate que desenvolvemos, pois ao compreender que a educação é um fenômeno que ocorre em contextos diferentes, a partir da leitura de mundo de cada sujeito educador, percebemos que cada espaço em que participamos de práticas sociais com outros seres humanos ampliamos nossa visão de sociedade, de educação e de mundo.

Todavia, é importante salientar que, apesar de cada espaço contribuir de forma diferente para a nossa formação enquanto seres humanos, não se pode negar o papel e a função da educação escolar. Ou seja, os espaços não escolares contribuem significativamente para formação política, cultural e social dos sujeitos, mas é na escola que temos acesso ao conhecimento construído e sistematizado pela sociedade, que nos oferecerá ferramentas para construir uma educação que respeite os saberes diversos dos/as educandos/as.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense. 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 58 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não formal**. Institut International des Droits de L'enfant (IDE). Suíça, p. 1-11, 18 a 22 de outubro. 2005.

GADOTTI, Moacir. Educação popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. **Revista Diálogos**, Universidade Católica de Brasília. V.1, n.1, p. 10-32, set. 2002.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política**: impactos do associativismo do terceiro setor. 3 ed. São Paulo: Cortez. 2005.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, educador(a) social e projetos sociais da inclusão social. **Meta**: Avaliação, Rio de Janeiro, v. 1. N. 1, p. 28-43, jan/abr. 2009.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social**: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez. 2010.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez. 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** 8 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 5 ed. Campinas, SP: Autores Associados. 1995.

TRILLA, Jaume. E educação não-formal. In: TRILLA, Jaume e Ghanem, Elie. **Educação formal e não formal: pontos e contrapontos.** Arantes, Valéria Amorim, (org.). São Paulo: Summus. 2008. (Coleção pontos e contrapontos)